

Índice

Capítulo Um	9
Capítulo Dois	27
Capítulo Três	41
Capítulo Quatro	109
Capítulo Cinco	129
Capítulo Seis	187
Capítulo Sete	243
Capítulo Oito	319
Capítulo Nove	371

*«Por entre todo o som e ruído
Dos transoxianos
O nosso canto atreve-se
Pelos teus caminhos!
Sem nada temer
Que viva em ti;
Que a tua vida seja longa,
Que o teu reino perdure.»*

Divã Ocidental-Oriental

Capítulo Um

Num dia ainda quase estival, já setembro do ano de 1816 ia avançado, Mager, o mordomo da estalagem Elephant em Weimar, um homem instruído, teve uma experiência comovedora e alegremente desconcertante. Não que houvesse alguma coisa contrária à natureza no sucedido; e, no entanto, pode dizer-se que, por um instante, ele pensou estar a sonhar.

Nesse dia, pouco depois das oito da manhã, três mulheres chegaram à famosa casa junto do mercado na habitual mala-posta de Gotha. À primeira vista — e também à segunda —, nada de especial havia na sua aparência. A relação entre elas era fácil de avaliar: eram mãe, filha e criada. Mager, no arco da entrada pronto para dar as boas-vindas, tinha observado o criado ajudar as duas primeiras a descer do estribo para o pavimento, enquanto a serviçal, chamada Clarinha, se despedia do cunhado, junto do qual estivera sentada e com quem parecia ter tido uma conversa animada. O homem olhou-a de soslaio, a sorrir, provavelmente ao pensar no dialeto de fora que a viajante falava, e seguiu-a com os olhos, numa espécie de devaneio zombeteiro, enquanto ela, não sem algumas contorções, levantar de saias e meneios desnecessários, descia do assento elevado. Então, o homem puxou o cordão da corneta e começou a tocar com muito sentimento, para deleite de alguns rapazinhos e transeuntes madrugadores que assistiam à chegada.

As senhoras ainda se encontravam de costas para a casa, junto da mala-posta, a vigiar a descida da sua modesta bagagem, e Mager aguardava o momento em que, tranquilizadas quanto aos seus pertences, se voltassem para a entrada, para então ir ao encontro delas no passeio, muito diplomata, com um sorriso afável e, ao mesmo tempo, ligeiramente irónico no rosto cor de queijo, emoldurado por suíças ruivas, com a casaca abotoada, o lenço desbotado no colarinho saliente e as calças justas a caírem sobre os pés muito grandes.

— Bom dia, meu amigo — cumprimentou a senhora que parecia ser a mãe, uma matrona já de idade avançada, pelo menos com cinquenta e muitos anos, um pouco rechonchuda, trajando um vestido branco com uma capa preta, mitenes de fio e um chapéu ao estilo regência, sob o qual se vislumbrava um cabelo crespo, de um grisalho acinzentado que outrora fora loiro.

— Precisávamos de alojamento para três pessoas, um quarto com duas camas para mim e para a minha filha. — A filha também já não era tão jovem quanto isso, devia andar pelos vinte e muitos anos, com caracóis castanhos à saca-rolhas e uma golinha à volta do pescoço; e o delicado nariz adunco da mãe era, nela, demasiado rígido e afilado. — E outro, não muito longe, para a minha criada. Será possível?

Os olhos azuis da mulher, de uma lassidão distinta, fixaram-se, para além do mordomo, na fachada da estalagem; a sua boca pequena, inserida entre alguma acumulação de gordura das faces, movia-se de uma forma singularmente agradável. Na juventude, devia ter sido mais encantadora do que a filha ainda era. O que chamava a atenção nela era um tremor de cabeça, como que um aceno, que em parte parecia destinar-se a reforçar as suas palavras e a solicitar uma rápida concordância, de modo que a sua causa não parecia tanto dever-se a uma fraqueza, mas sim a vivacidade, ou talvez a ambas em igual medida.

— Com certeza — respondeu o funcionário, que acompanhou mãe e filha até à entrada, seguidas pela criada, a baloiçar uma caixa de chapéus. — Embora, como de costume, estejamos com muitos hóspedes e seja fácil vermo-nos na situação de ter de recusar pessoas

de posição social elevada, não nos pouparemos a esforços para satisfazer da melhor forma possível os desejos das senhoras.

— Folgo em ouvir isso — retorquiu a forasteira, trocando um jovial olhar de apreço com a filha, devido à forma de falar bem estruturada do homem, com um forte sotaque turíngio-saxónico.

— Permitem-me? Façam favor — disse Mager, acompanhando-as até ao corredor. — A receção fica à direita. Será um prazer para a senhora Elmenreich, a proprietária. Queiram ter a fineza.

A senhora Elmenreich, com uma flecha no penteado, o busto, realçado por uma cintura alta, envolto num casaco de malha devido à proximidade da porta de entrada, estava entronizada entre penas, areia que se espalhava sobre o papel com a tinta ainda molhada e uma máquina calculadora, atrás de uma espécie de balcão que separava o escritório em forma de nicho do vestíbulo. Um funcionário, que se levantara da sua secretária, negociava em inglês com um senhor de casaco com gola, a quem deviam pertencer as malas empilhadas à entrada. A proprietária, com um olhar fleumático, pouca atenção dando às recém-chegadas e quase as ignorando, retribuiu a saudação da mais velha e a vénia da jovem com uma inclinação da cabeça digna, ouviu atentamente o pedido de aposentos transmitido pelo mordomo e pegou num mapa da casa, no qual passou algum tempo a rabiscar com a ponta do lápis.

— Vinte e sete — determinou, voltando-se para o criado de avental verde, que aguardava com a bagagem das senhoras. — Não posso proporcionar um quarto individual. Como temos cá muitos hóspedes com criadagem, a rapariga terá de partilhar o quarto com a criada da condessa Larisch von Erfurt.

Clarinha fez uma careta de desagrado atrás da patroa, mas esta concordou. Iriam dar-se bem, explicou, e, já de costas voltadas para sair, pediu que a conduzissem ao quarto, para onde deveriam também levar as malas.

— É para já, Madame — respondeu o criado. — Só falta cumprir esta formalidade. Mas, por amor da vida ou da morte, umas linhas lhe pedimos. Não é picuinha nossa, mas da Santa Irmandade, que

se mantém igual a si própria. Poder-se-ia dizer que as leis e os direitos se herdavam como uma doença eterna. Quer ter a bondade e fazer o obséquio?...

A senhora riu-se, olhando de novo para a filha e balançando a cabeça, divertida e surpreendida.

— Ah, sim, já não me lembrava. Tudo como deve ser! De resto, segundo consta, o senhor é um homem com cabeça, dado à leitura e com grande domínio das citações. Dê-mo cá.

E, regressando à mesa, pegou com os dedos delicados da mão meio enluvada no pau de giz pendurado num cordão que a estalajadeira lhe estendeu e, ainda a rir, inclinou-se sobre o livro de registos de hóspedes, no qual já constavam alguns nomes.

Escrevia devagar, ao mesmo tempo que, aos poucos, o riso ia esmorecendo, seguido apenas por pequenos sons divertidos, semelhantes a suspiros e a ecos da sua alegria, que se ia dissipando. Talvez devido ao desconforto da posição, a tremura da nuca tornou-se mais evidente do que nunca.

Todos os olhares se fixavam nela. De um lado, a filha fitava-a por cima do ombro, com as sobrancelhas bonitas e uniformemente arqueadas (como as da mãe) erguidas sobre a testa, e a boca fechada e torcida num trejeito zombeteiro; e, do outro, o mordomo Mager observava-a a escrever, meio apenas para verificar se ela estava a usar corretamente as colunas marcadas a vermelho, também meio movido por uma curiosidade provinciana e com aquela satisfação não totalmente isenta de malícia por ser chegado o momento de alguém desistir do papel, de certa forma gratificante, de desconhecido, e de se identificar e confessar. Por qualquer razão, o empregado de escritório e o viajante britânico também tinham interrompido a conversa e observavam a senhora que escrevia a acenar com a cabeça, traçando as letras com um esmero quase infantil.

A piscar os olhos, Mager leu: «Charlotte Kestner, viúva do conselheiro áulico Hans Christian Kestner, Buff de solteira, natural de Hano-ver, última residência: Goslar, nascida em 11 de janeiro de 1753 em Wetzlar, acompanhada pela filha e pela criada.»

— Isto basta? — perguntou a conselheira; e, como ninguém lhe respondesse, ela mesma decidiu: — Tem de bastar!

Porém, ao tentar pousar energicamente o giz sobre a mesa, esqueceu-se de que ele não estava solto e fez cair o suporte metálico do qual pendia.

— Que desastrada! — exclamou corando, ao mesmo tempo que lançava mais um olhar rápido à filha, que mantinha os olhos baixos e a boca fechada num trejeito trocista. — Bem, isto é fácil de arranjar e fica como estava. Vamos lá para o quarto! — E, com uma certa pressa, virou-se para sair.

A filha, a criada e o mordomo, com o criado careca que carregava caixas e malas de viagem atrás, seguiram-na pelo corredor até à escada. Mager não tinha parado de piscar os olhos e continuou a fazê-lo pelo caminho, de tal forma que, a intervalos, agitava as pálpebras três ou quatro vezes muito rapidamente, e depois, por instantes, com os olhos vermelhos e imóveis e fixos, mantinha a boca aberta de uma forma a que não se poderia chamar estúpida, mas antes, por assim dizer, delicadamente controlada. Foi no patamar do primeiro lance de escadas que fez o grupo parar.

— Peço perdão! — disse ele. — Peço sinceras desculpas se a minha pergunta... Não é curiosidade grosseira e indevida que... Teremos a honra de estar na presença da senhora conselheira áulica Kestner, Madame Charlotte Kestner, Buff de solteira, de Wetzlar?

— Em pessoa — confirmou a idosa senhora, com um sorriso.

— Quero dizer... Muito bem, com certeza, mas quero dizer... Então, afinal, não se trata de Charlotte, também conhecida pelo diminutivo Lotte, Kestner, Buff de solteira, da Casa Alemã, da Casa da Ordem Teutónica de Wetzlar, a antiga...

— Exatamente, meu caro. Mas eu não sou a antiga, estou aqui bem presente e gostaria que me conduzisse ao quarto que me foi atribuído...

— Imediatamente! — exclamou Mager, e, com a testa baixa, preparou-se para uma corrida, acabando, porém, por ficar parado no mesmo lugar, com as mãos entrelaçadas.